

Irmão Alegria

Houve outrora uma grande guerra, e quando terminou, muitos soldados foram dispensados. E o Irmão Alegrete também foi dispensado juntamente com os outros, recebendo na dispensa um pequeno pão do Estado e quatro kreuzers para a saída.

Pôs-se o Irmão Alegrete a caminho e encontrou São Pedro sob a forma de um mendigo, que lhe pediu esmola. Este respondeu-lhe: "Ah, meu bom amigo, que posso eu dar-te? Fui soldado e fui dispensado completamente: tudo o que tenho comigo é apenas um pão do Estado e quatro kreuzers... E quando estes se acabarem, terei de pedir esmola exatamente como tu pedes... Contudo, darei o que puder".

Depois dividiu o pão em quatro partes e deu uma delas a São Pedro, acrescentando ao pão um kreuzer.

São Pedro agradeceu-lhe, seguiu adiante e, sob a forma de outro mendigo, sentou-se no caminho do soldado; quando este se aproximou, São Pedro pediu-lhe novamente esmola. O Irmão Alegrete repetiu as mesmas palavras e novamente lhe entregou um quarto do pão e um kreuzer.

São Pedro agradeceu-lhe, seguiu adiante e pela terceira vez, sob a forma de mendigo, sentou-se à beira da estrada, dirigindo novamente a mesma súplica a Alegrete. Alegrete deu-lhe pela terceira vez o terceiro quarto do pão e o terceiro kreuzer. São Pedro agradeceu-lhe, e o bom homem seguiu adiante, restando-lhe apenas um quarto de pão e um kreuzer.

Com esta provisão entrou numa estalagem, comeu o seu pedaço de pão e com o kreuzer pediu uma cerveja para si.

Depois seguiu adiante pelo caminho, e veio ao seu encontro novamente São Pedro, sob a forma de um soldado também dispensado, que lhe disse: "Olá, camarada! Então, não terás por acaso um pedaço de pão de reserva e pelo menos um kreuzer para beber?" — "Onde haveria eu de arranjar isso? — respondeu Alegrete. — Fui dispensado completamente, e pelo serviço recebi apenas um pão do Estado e quatro kreuzers! No meu caminho encontrei três mendigos e a cada um dei um quarto de pão e um kreuzer. O último quarto comi-o eu mesmo, entrando na estalagem, e com o último kreuzer bebi. Agora, irmão, estou sem nada, e se tu também não tens nada, podemos juntos ir pedir esmola". — "Não", disse São Pedro, "isso ainda não é necessário; entendo algo de curar doenças e saberei ganhar com isto o quanto precisar". — "Bem, eu nada entendo disso", disse

Alegrete, "logo, terei de ir sozinho mendigar". — "Ah, vem comigo!", disse São Pedro. "Se eu ganhar alguma coisa, repartirei contigo". — "Isso até me convém!", disse Alegrete.

Assim continuaram juntos o caminho.

Chegaram então a uma casa camponesa e ouviram dentro dela gemidos e choro; entraram e viram que o dono da casa estava à morte, com a Morte atrás dele, enquanto a esposa chorava e lamentava em alta voz.

"Basta de gemer e chorar", disse São Pedro, "eu curarei vosso marido", e com estas palavras tirou do bolso uma espécie de unguento e curou o enfermo instantaneamente, de modo que ele pôde levantar-se e ficou completamente saudável.

O marido e a mulher alegraram-se muito com isso e perguntaram: "Com que poderemos recompensar-vos? Que poderemos dar-vos?"

Contudo, São Pedro não quis aceitar nada, e quanto mais o imploravam, mais ele recusava. Mas Alegrete deu-lhe uma cotovelada e disse: "Aceita alguma coisa, afinal precisamos!".

Finalmente a dona da casa trouxe um cordeirinho e disse a São Pedro que ele devia aceitá-lo; mas ele continuava a recusar. E Alegrete novamente o empurrou no flanco: "Mas aceita lá, seu tolo, pois precisamos!".

Então São Pedro disse finalmente: "Muito bem! Aceitarei o cordeirinho, mas não o levarei eu mesmo; queres, irmão, que o leves tu?". — "Por que não haveria de levar!", respondeu Alegrete, e colocou o cordeiro sobre o ombro.

Chegaram então à floresta; o cordeiro pesava bastante no ombro de Alegrete, que além disso estava faminto, e por isso disse ao seu companheiro: "Olha só, este lugar não é mau, aqui poderíamos cozer o cordeirinho e comê-lo". — "Que seja", respondeu São Pedro, "mas eu não sou mestre em cozinhar; cozinha tu, se quiseres, aqui tens uma panela; enquanto isso darei uma volta, até que o cordeiro esteja cozido. Mas não comeces a comer antes do meu retorno; eu voltarei a tempo". — "Vai, vai!", disse Alegrete. "Eu sei cozinhar e dar-me-ei bem com a tarefa".

São Pedro partiu, e Alegrete degolou o cordeiro, colocou a carne na panela e pôs-se a cozinhá-la. Ora, o cordeiro já estava cozido, mas o companheiro ainda não tinha voltado; então Alegrete retirou o cordeiro da panela, abriu-o e encontrou dentro o coração. "Este deve ser o pedaço mais saboroso dele", disse ele, e primeiro provou apenas um pouco, depois comeu-o inteiro.

Finalmente São Pedro voltou e disse: "Podes comer o cordeiro inteiro, mas dá-me apenas o coração".

Alegrete pegou na faca e no garfo e pôs-se a procurar diligentemente entre os pedaços de carne de cordeiro, fazendo de conta que não conseguia encontrar o coração; finalmente murmurou entre dentes: "Mas aqui não há nenhum". — "O que significa isto?", perguntou São Pedro. "Na verdade, não sei", disse Alegrete, "mas, aliás, que tolos somos ambos! Procuramos o coração do cordeiro, e a nenhum de nós ocorre que o cordeiro não tem coração!" — "Ora, isso é algo novo! Cada animal tem coração; por que razão não o teria o cordeiro?" — "Não, não, realmente, irmão! Pensa bem, e logo entenderás que ele realmente não tem coração!" — "Muito bem, que assim seja!", disse São Pedro. "Se não há coração, então o cordeiro também não me serve; podes comê-lo todo tu". — "O que não comer, levo comigo no alforje para o caminho", disse Alegrete, comeu metade do cordeiro e guardou o resto no seu alforje.

Seguiram adiante, e por vontade de São Pedro um largo rio cortou-lhes o caminho, e eles tinham necessariamente de atravessá-lo. Então São Pedro disse: "Vai tu à frente". — "Não", respondeu Alegrete, "é melhor ires tu à frente". E pensou consigo: "Se for fundo, prefiro ficar na margem". São Pedro entrou na água, e a água chegava-lhe apenas aos joelhos. Alegrete também decidiu atravessar, mas a água tinha subido e chegava-lhe até ao pescoço.

E começou a gritar: "Irmão, ajuda-me!" E São Pedro disse: "Confessa-me que comeste o coração do cordeiro". — "Não", respondeu aquele, "não o comi".

E a água continuava a subir e já chegava quase à boca do soldado. "Ajuda-me, irmão!", gritou ele. "E conferras-me que comeste o coração do cordeiro?" — "Não", respondeu o soldado, "não o comi".

São Pedro não queria que Alegrete se afogasse, fez baixar a água e ajudou-o a atravessar.

Seguiram adiante e chegaram a um reino onde a princesa estava à morte. Nossos viajantes souberam disso, e o soldado disse: "O que achas, irmão, isto é uma oportunidade para nós! Se a curarmos, talvez fiquemos garantidos para toda a vida!" E pareceu-lhe que o seu companheiro não se movia com suficiente rapidez; e começou a apressá-lo: "Vamos lá, meu querido, despacha-te! Senão talvez cheguemos tarde demais!"

Mas São Pedro deliberadamente atrasava e atrasava o passo, por mais que o companheiro o apressasse, até que finalmente souberam que a princesa havia falecido.

"Eis-nos aqui!", disse o soldado com despeito. "E tudo porque te arrastavas passo a passo!" — "Cala-te melhor", respondeu-lhe São Pedro, "pois eu não só sei curar doentes, como também posso chamar os mortos de volta à vida". — "Sim, se sabes fazer isso, isso convém-me; mas não aceites menos de metade do reino por a ressuscitares!"

Dirigiram-se então ao castelo real, onde todos estavam mergulhados em profunda tristeza; ali São Pedro disse ao rei que se encarregava de ressuscitar a princesa.

Conduziram-no até à princesa falecida, e ele disse: "Trazei-me uma panela cheia de água", e quando a panela foi trazida, ordenou que todos saíssem do quarto, deixando consigo apenas Alegrete.

Depois cortou em pedaços todo o corpo da defunta, atirou os pedaços para a panela, acendeu fogo por baixo e pôs-se a cozinhá-los. E quando toda a carne se desprende dos ossos, retirou da panela os ossinhos brancos e finos, colocou-os sobre a mesa e reuniu-os na ordem habitual e natural.

Depois colocou-se diante da mesa e disse por três vezes: "Defunta, levanta-te!" E na terceira proclamação destas palavras, a princesa ergueu-se viva, saudável e bela como antes.

O rei, naturalmente, alegrou-se imensamente e disse a São Pedro: "Pede-me a recompensa que desejares, e mesmo que quisesses metade do meu reino, de boa vontade to daria!"

Mas São Pedro respondeu: "Eu não

«Não desejo recompensa alguma». — «Que tolo!», pensou consigo o soldado, deu uma cotovelada no companheiro e sussurrou-lhe: «Chega de bobagens! Se tu não precisas de nada, eu não me importaria de receber qualquer coisinha».

São Pedro nada desejou; contudo, o rei percebeu que seu companheiro não era tão desinteressado assim e ordenou ao seu tesoureiro que enchesse a mochila do soldado com moedas de ouro.

Seguiram adiante e, quando chegaram à floresta, São Pedro disse a Veselchak: «Bom, agora vamos dividir o ouro». — «Muito bem», respondeu este, «vamos dividir».

São Pedro dividiu o ouro — e dividiu-o em três partes. «Que nova ideia é essa que ele teve?», pensou o soldado. «Somos apenas dois, e ele está dividindo em três quotas».

Tendo dividido o ouro, São Pedro disse: «Dividi muito corretamente em três quotas — uma quota para mim, uma para ti e uma para quem comeu o coração do cordeiro». — «Oh, pois fui eu mesmo que o comi», apressou-se a responder Veselchak, guardando logo o ouro nas mãos, «fui eu que comi, podes acreditar em mim!» — «Será isso possível?», continuou São Pedro. «Afirmaste tu próprio que o cordeiro não tinha coração algum». — «Ora, meu irmão, é coisa que se possa pensar? Também o cordeiro tem coração, como qualquer animal... Por que razão não haveria de ter coração?» — «Muito bem então», disse São Pedro, «fica com todo o ouro, mas eu não quero mais ser teu companheiro; seguirei sozinho o meu caminho». — «Como quiseres, meu querido», disse o soldado, «despedimo-nos aqui».

E São Pedro seguiu por outro caminho, enquanto Veselchak pensava consigo: «Até é melhor que ele se tenha afastado de mim; afinal, ele é meio estranho — será algum feiticeiro?»

Aliás, agora ele tinha dinheiro bastante; mas não sabia lidar com ele, espalhava-o, oferecia-o e, passado algum tempo, ficou novamente sem nada.

Eis que chegou a um país onde, segundo os rumores, a princesa acabara de falecer. «Eis a oportunidade!», pensou ele. «Aqui pode sair-me um excelente negócio! Vou ressuscitá-la e, certamente, farei com que me paguem devidamente por isso».

Foi ter com o rei e propôs ressuscitar a defunta. Ora, já haviam chegado aos ouvidos do rei tais rumores, de que andava pelo mundo um certo soldado reformado que ressuscitava os mortos; e ele pensou que Veselchak seria exatamente esse soldado.

Contudo, como não tinha confiança nele, primeiro consultou os seus conselheiros, e estes disseram-lhe: «Por que não experimentar? Afinal, a tua filha já morreu mesmo».

Veselchak mandou trazer água numa caldeira, depois expulsou todos do quarto, cortou o corpo da defunta em pedaços, atirou-os para a caldeira, acendeu fogo por baixo — tudo exatamente como fizera o seu companheiro.

A água na caldeira começou a ferver e a carne a separar-se dos ossos; então ele retirou os ossos da caldeira e dispôs-nos sobre a mesa; contudo, não sabia em que ordem deveriam ser colocados, e juntou-os tudo ao contrário e às avessas.

Depois pôs-se diante da mesa e disse: «Defunta, levanta-te!» — e repetiu três vezes, mas os ossos não se moveram.

Repetiu ainda outras três vezes as mesmas palavras — e igualmente sem resultado. «Vamos lá, levanta-te, ergue-te, minha senhora», gritou finalmente, «senão as coisas vão correr mal!»

Mal proferiu estas palavras, eis que São Pedro, ainda sob a forma de um soldado reformado, apareceu diante dele, entrando no quarto pela janela, e disse: «Ah, homem sem Deus! Como ousas dedicar-te a tal empreitada, sem sequer compreenderes que a defunta não pode ressuscitar dos mortos quando misturaste assim todos os seus ossos?» — «Meu querido, fiz como pude!», implorou o soldado. «Desta vez ainda te livrarei desta dificuldade, mas aviso-te que, se ousares tentar algo semelhante, cairás numa grande desgraça... Além disso, não ouses exigir nem aceitar do rei recompensa alguma, mesmo a mais insignificante». Depois São Pedro colocou os ossos da princesa na ordem correta, pronunciou três vezes: «Defunta, levanta-te!» — e a princesa ergueu-se saudável e bela, como antes.

E São Pedro, assim como viera, partiu também pela janela; e Veselchak, satisfeitiíssimo por tudo ter corrido tão bem nas suas mãos, lamentava apenas não poder receber nenhuma recompensa.

«Gostaria de saber o que ele tem na cabeça», pensou o soldado, «pois aquilo que dá com uma mão, tira com a outra, e nisso simplesmente não há sentido!» O rei passou a oferecer a Veselchak o que este desejasse, mas ele não ousava tomar nada abertamente; contudo, através de várias insinuações e astúcias, conseguiu que o rei ordenasse encher-lhe a mochila de ouro — e foi com isso que partiu.

Quando saiu do castelo, São Pedro estava junto aos portões e disse-lhe: «Vês que tipo de homem és? Eu proibira-te de tomar fosse o que fosse, e eis que tens a mochila cheia de ouro!» — «Mas que hei de fazer», replicou o soldado, «quando ma encheram à força?» — «Pois então digo-te novamente que não ouses fazer nada semelhante pela segunda vez, senão as coisas correrão mal para ti». — «Ora, irmão! Não te preocupes; agora tenho ouro de sobra; vou lá meter-me outra vez a lavar ossinhos». — «Sim, claro!», disse São Pedro. «Julgas que o ouro te durará muito? Bem, para que não voltes a pensar em seguir pelo caminho proibido, dotarei a tua mochila desta propriedade: tudo o que desejares aparecerá imediatamente dentro dela. Adeus, já não nos veremos mais». — «Com Deus!», disse o soldado, pensando consigo: «Até me alegro que vás embora, seu esquisito! Não te seguirei!» Naquele momento, nem sequer pensou no poder miraculoso concedido à sua mochila.

Veselchak seguiu pelo mundo e espalhou o seu ouro como da primeira vez. Finalmente, restavam-lhe apenas quatro kreuzers, e aconteceu passar junto de

uma estalagem; pensou então: «É preciso livrar-me deste dinheiro», e mandou servir vinho por três kreuzers e pão por um kreuzer.

Enquanto ali estava, a acabar de beber o seu vinho, de repente sentiu o cheiro de ganso assado. Veselchak começou a olhar cautelosamente e viu que, na chaminé do fogão do dono, estavam colocados dois gansos. Foi então que se lembrou da propriedade miraculosa da sua mochila e decidiu experimentá-la naqueles gansos.

Assim, ao sair de casa e atravessar a soleira, disse: «Desejo que os gansos assados da chaminé apareçam dentro da minha mochila». Mal proferiu estas palavras, abriu a mochila, espreitou para dentro — e lá estavam eles! «Isto sim é que está certo!», disse ele. «Agora posso viver sem preocupações!» — Saiu para o prado e tirou da mochila o assado. Comeu à vontade e viu que se aproximavam dele certos aprendizes, olhando para o segundo ganso, ainda intacto, com olhos ávidos e invejosos. Veselchak pensou: «Para mim basta um», chamou os dois rapazes e entregou-lhes o segundo ganso, dizendo: «Comei à minha saúde!»

Eles agradeceram-lhe, levaram o ganso para a estalagem, mandaram servir meia garrafa de vinho e pão, tiraram o ganso e puseram-se a comê-lo.

A dona observou-os atentamente e disse ao marido: «Estes dois estão a comer um ganso; vai espreitar à chaminé, ver se este ganso não é dos nossos».

O dono espreitou para a chaminé e viu — estava vazia. «Ah, sua canalha de ladrões, queréis saborear um ganso de graça! Pagai imediatamente, senão vos trato com uma boa dose de vara de bétula!» — «Que ladrões somos nós?», imploraram os aprendizes. «Este ganso foi-nos oferecido ali no prado por um soldado reformado». — «De que me servem essas conversas? O soldado, de facto, esteve aqui, mas saiu honestamente pela porta, e eu segui-o com os olhos; vós sim sois os verdadeiros ladrões, e deveis pagar-me pelo ganso». Mas como não podiam pagar, ele pegou num pau e expulsou-os da estalagem.

Entretanto, Veselchak seguia, seguia pelo seu caminho e chegou a uma localidade onde, perto de um rico castelo, havia uma miserável estalagem. Pediu permissão para passar a noite na estalagem, mas o dono recusou, dizendo: «Não há lugar para ti; a estalagem está completamente cheia de hóspedes ilustres». — «Admiro-me com isso», disse Veselchak, «por que razão todos param aqui e não naquele belo castelo?» — «Sim, pernoitar lá custa qualquer coisa», disse o dono, «quem tentou passar a noite ali nunca voltou vivo». — «Se outros tentaram», disse Veselchak, «por que razão não hei de tentar também?» — «Bobagem, deixa isso», disse o dono, «vais pagar com a própria pele». — «Ora, não será já agora com a pele; dai-me apenas as chaves do castelo, e boa comida e bebida».

O dono deu-lhe as chaves, deu-lhe também comida e bebida, e então Veselchak dirigiu-se ao castelo, jantou abundantemente e, quando o sono começou a vencê-lo, estendeu-se ali num

chão, porque não havia cama.

Em breve ele adormeceu, mas no meio da noite foi despertado por um ruído terrível e, ao esfregar os olhos, viu em seu quarto nove demônios repugnantes, que dançavam em roda à sua volta. "Bem", disse Veselchak, "dancem, pois, quanto quiserem, mas que nenhum se atreva a chegar perto de mim". Os demônios, porém, aproximavam-se cada vez mais e quase tocavam seu rosto com os pés em sua dança furiosa. "Fiquem quietos, diabos!", gritou o soldado; mas eles continuavam a avançar sobre ele como antes. Então Veselchak enfureceu-se, gritou: "Vou dar cabo de vocês num instante!", arrancou uma perna da cadeira e pôs-se a golpeá-los.

Contudo, nove demônios contra um só soldado eram demasiados, e enquanto ele se lançava sobre os da frente, os de trás puxavam-no pelos cabelos e o maltratavam sem piedade. "Esperem só, filhos do diabo! Darei conta de vocês!", gritou o soldado. "Entrem todos os nove na minha mochila!"

E num instante todos se encontraram dentro da mochila, que ele apertou em todas as fivelas e costuras e arremessou num canto.

Então tudo de repente silenciou, e Veselchak deitou-se como antes e dormiu até o clarear do dia.

Nesse momento chegou o dono da estalagem juntamente com o proprietário do castelo, e quiseram ver o que lhe havia acontecido.

Quando o viram vivo e saudável, admiraram-se e perguntaram: "Acaso os espíritos daqui não lhe causaram nenhum dano?" "Tentaram", respondeu o soldado, "mas meti-os todos na minha mochila. Podem voltar tranquilamente a habitar vosso castelo; nenhum virá mais incomodá-los".

O proprietário do castelo agradeceu-lhe, recompensou-o generosamente e quis retê-lo ao seu serviço, prometendo sustentá-lo por toda a vida. "Não", disse o soldado, "estou acostumado a vagar pelo mundo branco e seguirei adiante".

E de fato, partiu, chegou a uma ferraria e, colocando a mochila sobre a bigorna, pediu ao ferreiro e aos seus ajudantes que batessem na mochila com os martelos. Eles começaram a golpear a mochila com seus enormes martelos, e com tal força que os demônios levantaram um uivo lamentoso.

Quando depois disso ele abriu a mochila, verificou-se que dos nove demônios oito já haviam morrido, enquanto o nono, que conseguira enfiar-se numa dobra da mochila e permanecer vivo, escapuliu da mochila e imediatamente desapareceu nas profundezas do inferno.

E depois disso ainda por muitos anos seguidos Veselchak vagou pelo mundo branco, e quem o soubesse poderia contar muito sobre ele.